

Será ainda esta década?

JOSÉ GUEDES PINTO MACHADO

Eng.º Civil (I. S. T.)

Estou de regresso duma visita ao Brasil. Retomada a corriqueira quietude, espoujado em «range-rede» sob a doçura da sombra-sol de uma amoreira, vem afluindo ao meu pensamento um rosário de interrogações. Uma, de entre elas, sobremodo me pasma. Assim reza: como explicar a existência de uma nação tão extensa, tão imensa em dimensões, como é o Brasil, falando, toda ela, a nossa língua? Explicável ou não, a realidade é essa mesma. E não é que isso testemunha a nossa obra, vastíssima, aí realizada? Certo que não desconheço haver quem se tenha referido à nossa história passada com menos respeito, tentando, mesmo, denegri-la. Mas atente-se sob que óptica foram congeminados esses desrespeitos: não será que se esqueceram de que os conceitos morais e os costumes se modificam ao longo dos tempos? Seja como for e pese a quem quer que seja, o que é sensível, o que é um racto palpável, é que ela foi tamanha, que aqui e acolá, um pouco por toda a parte por esse mundo além, a vemos estampada na nossa língua aí falada.

Neste «range-rede» gostoso, com os olhos fitando o pensamento, sinto perpassar em mim o bafo daquela magia, que, malgrado a estragação dos homens, eflui da divina e incomparável Baía da Guanabara. Visões de luz e rectores de sombra se atropelam entrelaçados na meu pensar. São emaranhados sentimentos de orgulho, de saudades e de tristeza. Razões de orgulho compreendem-se. De saudades, também. Mas porquê, a tristeza? Tento atinar. Será por me mortificar ao verificar que há portugueses e brasileiros que não entendem a verdade desse nosso passado?

No ripanço, baloiçando-me em «range-rede» sob um sol coado pelas ramagens da amoreira, pela minha mente, umas após outras, sucedem-se as imagens. Agora, esbatida a tristeza numa espécie de saudade, o orgulho toma realce. Anuncia-se confundido com a visão dum cintilante arco de triunfo, de pilares assentes um no Corcovado e outro no Pão de Açúcar. Orgulho legítimo para uns e para os outros. Para nós, que aí chegámos para fazer o imenso Brasil. Para os brasileiros, que daí partiram para fazerem a Brasília, marco a apontar o Brasil como Nação voltada para o futuro.

Agora, os dois entrelaçados no orgulho, as minhas reflexões atentam as suas caminhadas para o «desenvolvimento». Novamente perpassam a afligir-me uma série

de interrogações. Na senda desse «desenvolvimento», não é que pouco mais são que iniciados? Procuo enxergar os motivos. Deixe-se, porém, para trás, aquilo que não tem remédio. O que tem foros de ser útil é averiguar como proceder para sair desse estágio «em vias de desenvolvimento» e dar entrada no clube das nações «desenvolvidas». Certo que isso não se fará sem dificuldades. Trata-se duma ascensão só possível através de um doloroso regime de disciplina económica, específico meio de lhes propiciar a necessária acumulação de capitais indispensável para que essa promoção seja possível. Não será, na falta de consciência da importância desta acumulação, traduzida no abandono deste propósito, que reside a quase intransponível dificuldade de os povos «em via de desenvolvimento» se alcandorarem ao estágio de desenvolvidos? Retornemos ao tema. Agora, depois que a crise se instalou no Mundo, e que no dizer dos economistas é a mais grave do século, a situação complicou-se. Atentemos nas situações. Sendo diferentes para os dois países, mostram em comum uma natural tendência na indisciplina para o trabalho e uma carência notória de especialistas e técnicos de qualidade.

Específica do Brasil, como situação muito preocupante, temos a numerosíssima massa de juventude. Dizem-na cinquenta por cento de idade inferior a vinte anos. Assim se compreende que seja difícil a tarefa da sua instrução. Mas, como que a contrabalançar esta situação, que gera tão grandes dificuldades, o Brasil mostra-se cheio de recursos potenciais em matérias-primas. Possui de quase tudo. O seu solo agrícola é bom e extensíssimo e o seu subsolo privilegiadamente mineralizado. Falta-lhe ter petróleo em abundância. Por ora são ainda poucas as jazidas deste tipo. As pesquisas, porém, prosseguem e mantém-se a confiança de que virão a encontrar-se outras.

Quanto a nós, desafortunadamente, não temos, nem boas condições agrícolas, nem um subsolo ricamente mineralizado. Limita-se este a umas jazidas abundantes de pirites e outras de sal gema e ainda importantes de volfrâmio. Mas temos a nosso favor o facto de estarmos situados na Europa e os seus países industrializados, necessariamente, exercerem sobre nós uma acção catalizadora. Escusado será referir que é importante contributo para que um país saia do estágio de «em vias de desen-

volvimento» e atinja o de «desenvolvido» possuir férteis terrenos agrícolas e um subsolo ricamente mineralizado. Mas não chega. Sem possuir um número suficiente de competentes técnicos e proficientes cientistas não é operável essa desejada transformação. O homem foi e será sempre a matéria-prima mais importante do progresso. Ora formar um número suficiente de técnicos e cientistas de qualidade é, justamente, uma das maiores dificuldades com que lutam os países em «vias de desenvolvimento».

Quer o Brasil quer Portugal possuem bons técnicos e cientistas, mas em número escasso frente à ingente tarefa da sua promoção a países «desenvolvidos». Além disso outra carência dificulta esse ingresso: a indústria. Trata-se do facto da sua dimensão ser geralmente pequena, de ser escassamente diversificada e, ainda, da que existe, por regra, não estar dotada de laboratórios experimentais ou escolas de ensino especializado, onde aqueles profissionais possam fazer aperfeiçoamento. Sejam, contudo, quais forem as dificuldades que essa promoção requeira, a verdade é que o nosso entendimento nega-se a admitir que esta situação se possa eternizar. Não é crível que nos mantenhamos, nós e o Brasil, indefinidamente na situação de países «em vias de desenvolvimento». Mas o facto concreto é que até ao presente não se lorigava uma saída a esta situação. Vêm-se os anos a passar e as suas posições a manterem-se proporcionalmente distanciadas, não se conseguindo descortinar por que parte da meada da economia se haverá de puxar para que ela passe a desbobinar-se a uma velocidade superior à das economias dos países «desenvolvidos».

Presentemente a situação tornou-se diversa, Na vida económica dos países introduziu-se um novo acelerador, a «electrónica». Segundo as melhores opiniões, quando convenientemente aplicada à informática e às várias tecnologias, torna-se acelerador das economias. Obviamente este operador não é em si mesmo uma panaceia que transforme, sem mais, os países «em desenvolvimento» em

países «desenvolvidos». Essa transformação requer que os povos se empenhem em trabalhar arduamente e disciplinadamente.

Voltemos à questão do tema e interroguemo-nos para quando se pode esperar que os portugueses e brasileiros aceitem a isso se conformar. Quanto aos portugueses, sendo que «à priori» se deve processar um certo arrasamento da nossa economia a reboque dos demais países da C. E. E., quando entrarmos nesse clube, é de admitir que nessa altura, por força das circunstâncias e talvez de mimetismo, se empenhem em trabalhar com ardor e disciplina. Quanto aos brasileiros não é previsível qualquer intervenção exterior que possa influir nesse sentido. Em contrapartida, essa promoção é facilitada por aquele enorme potencial em recursos naturais atrás referidos, os quais quando bem geridos podem gerar uma significativa acumulação de capitais. Além disso, e tanto quanto ao visitante com cinco anos de permanência no país é dado aquilatar sobre o comportamento da sua juventude, afigura-se que, sem deixar de ser uma ingente tarefa discipliná-lo, a esse requerido trabalho bem ordenado, admito-a porém de algum modo facilitada, pelo desejo que essa juventude revele de se instruir. Constatei, com muito agrado, embora com algum espanto, que numerosíssimos jovens levavam, efectivamente, uma vida muito dura, trabalhando de dia e estudando de noite.

Deliciando-me, na sombra-sol da amendoeira e no balancear do «range-rede», ao poisar no papel estas notas, à tona do meu pensamento emerge uma última, mas perturbadora interrogação: será que estes países, que tanto amo, Portugal e Brasil, poderão, ainda nesta década ser considerados como países desenvolvidos? Se fosse de confiar que, aqui e lá, se devesse dar primazia à inteligência sobre as paixões, atrevia-me a responder. Mas será que alguma vez os povos admitem ser governados mais pela inteligência que pelas paixões?

**FAÇA A MELHOR ASSINATURA DO ANO
COM**

Electricidade

energia - electrónica

envie cheque ou vale postal de 500\$00 à EDEL

R. D. Estefânia, 48-3.º, Esq.

1000 LISBOA

NÃO SE ENVIAM REVISTAS À COBRANÇA